

Países estrangeiros defendem pelas armas os seus interesses em Moçambique

O Século de Joanesburgo 14/3/88

Tropas da Tanzânia, Zimbabué e Malawi ocupam vastas áreas de Moçambique. A França, Inglaterra e Espanha, quer com elementos das suas forças nacionais ou através de «exércitos privados», protegem os seus interesses no país. Portugal já há algum tempo que planeia um esquema de segurança para o seu vultuoso investimento em Cabora Bassa.

Uma reportagem enviada de Maputo por um correspondente especial do diário de Joanesburgo Business Day revela que este afluxo de ajuda militar está a causar grande consternação nos círculos políticos da capital. Receia-se que, em face da situação desesperada causada pela crescente actividade da Renamo, o país se torne «numa manta de retalhos de enclaves fortemente armados».

Ao norte de Moçambique, tropas do Malawi e forças armadas organizadas e mantidas por poderosas empresas francesas e inglesas, que têm grandes interesses económicos na região, defendem os 878 quilómetros atravessados pela linha férrea Malawi-Nacala.

Na zona central, mais de 12.000 homens das forças armadas do Zimbabué mantêm um precário cordão de segurança ao longo dos 318 quilómetros do Caminho de Ferro da Beira e Mutare (antiga Umtali) e do traçado, que corre paralelamente, da conduta de petróleo da Beira à refinaria de Feruka, no Zimbabué.

Outros «exércitos privados» guardam as

grandes concessões agrícolas e industriais exploradas por poderosos empórios financeiros estrangeiros.

O correspondente do Business Day atribui esta situação aos efeitos da transição que Moçambique atravessa do marxismo-leninismo para um regime capitalista apoiado pelo Fundo Monetário Internacional e um crescente número de investidores ocidentais.

Perante a perspectiva de verem os seus empreendimentos «desaparecerem em fumo», diz o correspondente, «vários países pagam agora um preço extra para proteger os seus interesses». É neste contexto que aos «conselheiros» russos, cubanos e alemães-

orientais que, desde 1975, treinam e enquadram as forças da Frelimo, se juntaram recentemente instrutores enviados pelo governo inglês e elementos da Guarda Civil espanhola.

Nas regiões do norte e centro de Moçambique, as condições naturais são favoráveis às destruidoras acções da guerrilha da Renamo que constantemente lança ataques planeados para semear o pânico e destruir as infraestruturas económicas do país.

Segundo ainda o correspondente do Business Day, as linhas de comunicação rodoviária num raio de 32 quilómetros do Maputo estão praticamente cortadas. Nos últimos meses, mais de 400 passageiros de autocarros morreram em ataques à estrada nacional Maputo-Beira.